

EUA: Mudança na taxa de redesconto não sinaliza começo de aperto monetário

São Paulo, 26 de fevereiro de 2010 - A última medida anunciada pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) mostra uma melhora na saúde de instituições financeiras do país, mas ainda não indica o começo de um aperto monetário. Na última semana, o Fed anunciou uma alteração em uma de suas linhas de financiamento, o crédito primário, ou "taxa de redesconto", de 0,5% para 0,75%, em função das melhorias econômicas. O objetivo do Fed é incentivar as instituições financeiras a buscar empréstimos nos mercados de financiamento privado e usar a linha de crédito do Fed apenas como uma fonte alternativa.

Para os analistas ouvidos pela Agência Leia, a mudança representa apenas uma normalização do mercado, e não uma medida de aperto monetário, pois a economia real norte-americana ainda está enfraquecida, uma vez que a taxa do desemprego continua alta, o consumo e os investimentos ainda estão abaixo dos níveis pré-crise.

Segundo o Fed, as mudanças não deverão conduzir a um agravamento das condições financeiras das famílias e das empresas e não indicam qualquer mudança na perspectiva para a economia ou a política monetária, que permanece de acordo com a decisão do Comitê Federal de Mercado Aberto (Fomc, na sigla em inglês), que mantém o juro básico da economia em um intervalo entre 0% e 0,25%.

"À medida que o mercado vai se normalizando o mercado vai buscando esta medida, conforme a liquidez vai se restaurando. Não é uma medida de aperto colocada pelo Fed, mas uma decisão natural neste contexto", explicou o analista econômico da CM Capital Markets, Luciano M. Rostagno.

Por outro lado, a mudança na taxa de redesconto indica que houve uma melhora na capacidade dos bancos captarem dinheiro, no nível de capital Tier 1 (saúde financeira de um banco do ponto de vista de um regulador), nas operações interbancárias (quando um banco empresta dinheiro para outro overnight), de acordo com o economista do Grupo Santander, Cristiano Souza.

"A retirada dos instrumentos de liquidez significa que o banco central norte-americano vê que o funcionamento dos mercados está se normalizando desde a crise, e que não precisa destas linhas para funcionar", disse ele. "Como não é um aperto monetário, não torna o custo do dinheiro mais alto. É simplesmente uma mudança em uma linha de crédito, que não tem impacto negativo do mercado", disse Souza.

O economista ainda disse que, mesmo que o sistema financeiro tenha mostrado uma melhora, a economia real ainda está fraca, por isso a taxa básica de juros permanecerá baixa por um período prolongado, como o Fed tem alertado o mercado.

O mercado de trabalho, principalmente, representa ainda o maior indicativo de enfraquecimento da atividade econômica norte-americana, com uma taxa de desemprego em 9,7% e um total de desempregados estimado em 14,837 milhões em janeiro.

"Em fevereiro, a criação de empregos deve ficar por volta de zero ou levemente positiva, mas 200 mil vagas criadas como nos níveis pré-crise, não vai acontecer tão cedo, quando a criação de vagas chegava a 300 mil por mês. Para isso acontecer, teríamos de ver a economia norte-americana crescendo por vários trimestres consecutivos, e isso não está acontecendo. Eu acredito em um crescimento de 4% para 2010 e 2011", avaliou.

O Departamento do Trabalho divulga a taxa de desemprego de fevereiro na próxima sexta-feira.

Para o professor do curso de administração da ESPM e sócio da Pezco consultoria, Frederico Araújo Turolla, o aumento da taxa de redesconto "é um movimento que parece mais circunstancial do que estrutural ou econômico".

Segundo ele, o Federal Reserve fechou uma janela de arbitragem. Na crise, o banco central começou a baratear o dinheiro que emprestava aos bancos, o que aumenta a quantidade de liquidez destas instituições. "É um movimento que parece mais circunstancial do que estrutural ou econômico, e não há nenhuma limitação bancária, pois a decisão é mais tática do que estratégica".